

# Linhas de força de *Os Sertões*

Marcos Rogério Cordeiro<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho procura analisar a obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, identificando suas linhas de força: o estatuto da ficção, a transformação de uma linguagem científica em motivação poética e os problemas de formação da sociedade brasileira. A questão inicial diz respeito ao problema da forma. Veremos que aliando tradição literária e científica a uma atenta preocupação com os problemas do país, *Os sertões* ocupam um lugar singular no acervo de nossa cultura.

*Palavras-chave:* *Os sertões*. História. Ciência. Literatura.

## Abstract

This study tries analyse the masterpiece of Euclides da Cunha, *Os sertões*, identifying some of their main lines of force: the fiction, the transformation of a scientific language into poetic motivation and the analysis of the most important matters of Brazilian society formation. The inicial issue refers to the problem of form. We will notice that allying literary and scientific tradition to a careful preoccupation with the country objective problems, *Os sertões* occupie an unique place in our culture file.

*Keywords:* *Os sertões*. History. Science. Literature.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto III da UFMG. r.cordeiro1@bol.com.br

Quando foi publicada, em 2 de dezembro de 1902, a obra-prima de Euclides da Cunha, *Os sertões*, obteve reconhecimento imediato e alcançou um sucesso até então inédito no Brasil. Para se ter uma ideia, o livro esgotou em seis meses, recebendo uma nova edição em julho do ano seguinte. Dois anos depois, mais três edições ganharam as ruas e a procura do público continuava a crescer, alimentada por notícias que saíam nos jornais quase diariamente. Chamou a atenção de intelectuais e publicistas o fato de um quase desconhecido no âmbito da cultura letrada conseguir tamanho reconhecimento em tão pouco tempo, sendo eleito para a concorrida Academia Brasileira de Letras e tomado posse no prestigiado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro menos de um ano após o lançamento do livro. Comentando esses feitos, um dos críticos mais respeitados da época – e certamente o mais severo deles – escreveu que Euclides “deitou obscuro e acordou célebre. Merecia-o.”<sup>2</sup> A partir da análise do livro, uma série de questões foram levantadas e logo se tornou motivo de debates profundos e acalorados. Foram tantos os artigos e tão relevantes as questões que a Laemmert & Co., responsável pela primeira edição de *Os sertões*, publicou, em 1903, uma coletânea com alguns desses trabalhos. No editorial, enfatizou-se o “espírito erudito” do autor, que “imprimiu à sua análise feição original, sem subordina-

<sup>2</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL-MEC, 1980, vol. 5, p. 1777.

ção que não a obediência à evolução dos estudos históricos (...) obedecendo ao método científico mais consuetâneo com a natureza do empreendimento.”<sup>3</sup> Os artigos, escritos por intelectuais renomados, como Coelho Neto, Araripe Júnior, José de Campos Novaes, Medeiros e Albuquerque, Múcio Teixeira e José Veríssimo, entre outros, versam sobre os mais variados assuntos, dando maior destaque, no entanto, a três temas: o estilo empregado pelo autor, tido por raro e incomum, mas sempre louvado pelo primor e pelo engenho; o aparato científico, usado com discernimento e sempre a favor da descoberta do meio físico e natural do país; e a visão histórica, que abria em perspectiva uma concepção crítica sobre nossa formação social. É o que fica registrado no artigo de Leopoldo de Freitas, por exemplo: “Opiniões diversas mostraram que o autor conjuntou no seu livro os mais profundos conhecimentos de geografia do interior brasileiro, da geologia, da etnologia e também da sociologia, cujas teorias ele expõe numa linguagem fluente e formosa”.<sup>4</sup> Múcio Teixeira destaca algo parecido quando afirma: “O livro de Euclides da Cunha, como ficou demonstrado, é uma obra histórica, uma obra científica e uma obra

<sup>3</sup> A citação é colhida da reedição desse livro. Ver NASCIMENTO, José Leonardo, FACIOLI, Valentim (org.). *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003, p. 25.

<sup>4</sup> FREITAS, Leopoldo de. “Os sertões”, in: NASCIMENTO, José Leonardo, FACIOLI, Valentim (org.). *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003, p. 35.

de arte. Analisando sob qualquer destes pontos de vista resiste vitorioso às exigências da crítica e merece os mais sinceros louvores”.<sup>5</sup> Outros artigos foram pelo mesmo caminho, com alguma variação quanto ao peso ou importância que dão a alguma dessas características apontadas. Merece destaque – pela perspicácia dos argumentos e pelo avanço nas questões mais importantes – o artigo assinado por José Veríssimo:

O livro, por tantos títulos notáveis do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo um livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato com o homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d’alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as ‘secas’ que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos.

Pena é que conhecendo a língua, como a conhece, esforçando-se por escrevê-la bem, possuindo reais qualidades de escritor, força, energia, eloquência, nervo, colorido, elegância, tenha o Sr. Euclides da Cunha viciado o seu estilo, já pessoal e próprio, não obstante de um primeiro livro, sobrecarregando a sua linguagem

de termos técnicos, de um boleio de frase como quer que seja arresado, de arcaísmo e sobretudo de neologismos, de expressões obsoletas ou raras, abusando frequentemente contra a índole da língua. (...) Em uma palavra, o maior defeito do seu estilo e da sua linguagem é a falta de simplicidade; ora, a simplicidade que não exclui a força, a eloquência, a comoção, é a principal virtude de qualquer estilo. Mas este defeito é de quase todos os cientistas que fazem literatura, até mesmo de alguns afamados escritores nossos, que mais sabem a língua, é quase um vício de raça, o qual no Sr. Euclides da Cunha, por grande que seja, não consegue destruir as qualidades de escritor nervoso e vibrante, nem sobretudo, o valor grande de seu livro.<sup>6</sup>

Como se pode ver, o artigo leva a análise a um ponto mais profundo e necessário, saindo do comentário, seja de elogio ou censura, para um nível mais qualificado de interpretação. Ademais, note-se que o crítico, referindo-se aos três temas acima mencionados, revela e discute a pertinência de sua articulação, mostrando os limites e impasses que ela traz. Atento aos fatos culturais de seu tempo e cioso de sua obra, Euclides acompanhou esses artigos e comentou muitos deles, inclusive o de Veríssimo.

Ao ler no ‘Correio’ de ontem a notícia do seu juízo crítico sobre *Os sertões*, tive, renascida, uma velha comoção que já supunha morta – a de calouro, nos bons

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Múcio. “Os sertões (Euclides da Cunha – Campanha de Canudos), in: NASCIMENTO, José Leonardo, FACIOLI, Valentim (org.). *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003, p. 42.

<sup>6</sup> VERÍSSIMO, “Uma história dos sertões e da campanha de Canudos”, in: NASCIMENTO, José Leonardo, FACIOLI, Valentim (org.). *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003, p. 46-47.

tempos passados, em véspera de exame. E não era para menos, dada a competência do juiz. Felizmente este foi generoso. Demonstra-o o belo artigo que acabo de ler, no qual, atendendo principalmente às observações relativas à minha maneira de escrever, colhi proveitosos ensinamentos.

Num ponto apenas vacilo – o que se refere ao emprego de termos técnicos. Aí, a meu ver, a crítica não foi justa.

Sagrados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras – sobretudo se considerarmos que o consócio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano. Um grande sábio e um notável escritor, igualmente notável como químico e como prosador, Berthelot, definiu faz poucos anos, o fenômeno, no memorável discurso com que entrou na Academia Francesa.

Segundo se colhe de suas deduções rigorosíssimas, o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências.

(...) Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta – e que, nesse caso, a medida intervenção de uma tecnografia própria se impõe obrigatoriamente – e é justo desde que não se exagere ao ponto de dar ar de compêndio ao livro que se escreve, mesmo porque em tal caso a feição sintética desapareceria.<sup>7</sup>

Euclides sustenta suas idéias e as fundamenta, explicitando as bases intelectuais de sua obra. O uso mesclado de ciências diferentes, o empenho da descoberta, a defesa de uma linguagem ao mesmo tempo técnica e artística etc. são qualidades fortes do livro e permaneceram no centro dos debates por muito tempo. Com o passar dos anos, as críticas literárias, históricas e científicas que foram surgindo continuaram se voltando para esses princípios fundamentais da obra, renovando a cada vez o leque de problemas que despertaram o interesse por ela. Esses são os elementos internos que estruturam *Os sertões* e os organizam como um todo, constituindo aquilo que aqui chamamos de *linhas de força*. Esses elementos não se justapõem nem se sobrepõem uns aos outros, não existe a sobredeterminação de algum tema diante dos demais; o que ocorre é uma integração orgânica na qual todos eles se articulam entre si, perfazendo-se um ao outro com reciprocidade. Reconhecer essa particularidade formal significa compreender *Os sertões* como um todo e em seu dinamismo.

Como se verá, a análise da obra exige levar em consideração o dispositivo de estruturação do livro, que, neste caso, apresenta mais de um fator de causa. Postos em relação, esses fatores se desdobram, multiplicam e variam seu raio de ação, e assim garantem uma unidade coerente em si mesma, mantendo, muito

<sup>7</sup> CUNHA, Euclides da. “Carta a José Veríssimo de

3 de dezembro de 1902”, in: *Obra completa*, vol. 2, p. 620-621.

embora, um vínculo de esclarecimento mútuo com relação ao mundo.

### **História social e filosofia da natureza**

*Os sertões* apresentam um conjunto epistemológico muito rico e variado, manipulando livremente o conteúdo de diversas disciplinas, sempre, é claro, em benefício da compreensão problematizada do país. Tal diversidade se deve à formação de Euclides da Cunha, primeiro na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde se aprendia matérias técnicas e humanísticas; depois, durante suas atividades como engenheiro de carreira e professor, quando manteve um contato contínuo com cientistas pelo Brasil afora, através de cartas ou por meio de reuniões em diversos institutos científicos (históricos, geográficos, geológicos, biológicos, politécnicos etc.).

É preciso enfatizar que Euclides não trabalhou no sentido simplesmente de armazenar aleatoriamente uma infinidade de matérias diferentes – o que atestaria a erudição do autor, mas não explicaria a envergadura da obra – e sim no de transpassar os diversos conhecimentos, articulá-los de maneira que eles pudessem se mesclar entre si, algo só possível de ser conseguido por intermédio de uma rigorosa disciplina de escrita, a qual chamaremos de *composição*. Dentre essas diferentes matérias, podemos destacar duas, que, na verdade, reúnem e sintetizam as demais. Por isso, optou-se aqui em dar ênfase a elas: a história so-

cial e a filosofia da natureza. Essa escolha se deve sobretudo pela forma como as matérias são trabalhadas em *Os sertões*, ou seja, procurei seguir a lógica de raciocínio presente no livro. Nele, a história pode ser relacionada à antropologia, à etnologia e à psicologia, porque essas disciplinas apresentam uma perspectiva crítica historicamente constituída; quanto à filosofia da natureza, abrange facilmente a geomorfologia, a geologia, a geografia, a botânica e a climatologia.

A correlação dessas duas disciplinas é óbvia no livro, suas implicações, no entanto, apresentam dificuldades aos estudiosos e abre as portas da controvérsia. Alguns, como Luiz Costa Lima, Regina Abreu, Nísia Trindade Lima, Nicolau Sevcenko e Robert Levine<sup>8</sup> – para citar apenas alguns – defendem, de alguma maneira ou em alguma medida, a ideia de uma sobredeterminação das ciências naturais sobre as históricas, vindo aí uma adaptação das concepções filosófi-

<sup>8</sup> LIMA, Luiz Costa. “Nos sertões da oculta mimesis”. In: *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989; e “Os sertões: ciência ou literatura”, In: Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001, no 144; ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco; Funart, 1998; *Um sertão chamado Brasil*; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989; LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo: Edusp, 1995. Importante esclarecer que Luiz Costa Lima e Nísia Trindade Lima relativizam suas posições iniciais e retomam o problema por outra perspectiva. Ver, respectivamente, *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997; e “A sociologia desconcertante de *Os sertões*”, In: NASCIMENTO, José Leonardo (org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

cas e científicas então vigentes, especialmente o determinismo. Outros, como Olympio de Souza Andrade, Franklin de Oliveira, Roberto Ventura e Leopoldo Bernucci<sup>9</sup>, renegam a influência desses fundamentos cientificistas e, em alguns momentos, chegam a desfazer as correlações dessas áreas, atribuindo a cada uma delas um alto grau de autonomia. Sem querer me antepor a nenhuma dessas tendências críticas, levando-as mesmo em consideração e me aproveitando de muitas de suas conclusões, acredito, porém, que uma crítica integradora, que vise articular as linhas de força do livro (e, ao mesmo tempo, compreendê-las em sua autonomia), deve presidir o processo de análise da obra. Esse procedimento, como se verá, não é uma prerrogativa do método de investigação aqui utilizado, mas uma exigência da matéria, algo sobre o que a própria obra demanda.

Começemos com a análise do início da segunda parte do livro, “O Homem”, acompanhando a exposição clara da teoria antropológica adotada por Euclides da Cunha a respeito dos grupos étnicos que compõem o quadro humano do país e sua formação em escala histórica. Partindo das pressuposições de Lund, Hartt, Trajano de Moura e Nina Rodrigues, o

autor descreve caso a caso as características definidoras de cada etnia. Importante notar que encontramos o desenho de um perfil intrincado de cada grupo, compreendidos – cada um – como um amálgama razoavelmente complexo. Assim, o índio, “o homo americanus” como Euclides o caracteriza, resulta do “‘homem de lagoa santa’ cruzado com o pré-colombiano dos ‘sambaquis’; ou [deriva], altamente modificado por ulteriores cruzamentos e pelo meio de alguma raça invasora do Norte”.<sup>10</sup> O “homo afer”, por sua vez, apresenta uma tipologia ainda mais difusa, sendo “o banto ou cafre, com suas várias modalidades”<sup>11</sup>, apenas um exemplar entre outros. Também o europeu, que, apesar de apresentar “o fator aristocrático de nossa gens”, não aparece puro, pois “emerge de um complicado caldeamento [de raças]”<sup>12</sup>. O leitor escolado na sociologia posterior reconhecerá aqui a base da argumentação de *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, que, aliás, nunca escondeu sua admiração por Euclides e sempre reconheceu-lhe a influência em sua própria obra.<sup>13</sup> As semelhanças, no entanto, encerram aqui, pois o esquematismo combinatório de um fica distante e aquém da liberdade associativa do outro.

Voltando ao texto, repare-se que, apesar do juízo de valor que o escritor manifesta, atribuindo traços de ingenui-

<sup>9</sup> ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo: Edart, 1960; OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a espada e a letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983; VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003; BERNUCCI, Leopoldo. “Cientificismo e aporia em *Os sertões*”, In: BERNUCCI, Leopoldo (org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008.

<sup>10</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 139.

<sup>11</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 139.

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 139.

<sup>13</sup> Ver: FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

dade e barbarismo nos primeiros grupos étnicos e elevação intelectual no último – o que confirma a acusação que lhe pesa de escalonar as raças em termos evolutivos – o que sustenta toda sua tese é principalmente uma lógica de raciocínio que relaciona cada elemento da análise em perspectiva histórica. Apesar dos vícios científicos da antropologia e da etnografia de seu tempo, Euclides apresenta uma forma de equação dos elementos; é o extrato dessa forma que interessa discutir. Como se verá, sua lógica de raciocínio (restrita ao âmbito das ciências utilizadas) nasce de outra ou dela depende: a lógica de argumentação. Isso quer dizer que a complexidade da teoria está relacionada com o método de composição, com os recursos argumentativos e expressivos dos quais o autor se serve. Foi preciso encontrar um estilo de escrita que pudesse expor, em sua totalidade e em seu movimento, a massa de dados que causaram e que resultaram da miscigenação que ocorreu no Brasil desde o início da colonização. O interessante é compreender como a forma de argumentação vai reunindo essas implicações, relacionando uma com outra num crescendo sem fim, até chegar ao ponto em que se torna possível a teorização de todo material analisado.

Conhecemos, deste modo, os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciador – e ainda, sob todas as suas formas, as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre ele reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as

fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas.

É que, evidentemente, não basta, para o nosso caso, que postos uns diante de outros o negro banto, o indo-guarani e o branco, apliquemos ao conjunto a lei antropológica de Broca. Esta é abstrata e irreduzível. Não nos diz quais os reagentes que podem atenuar o influxo de raça mais numerosa ou mais forte, e causas que o extingam ou atenuem quando ao contrário da combinação binária, adstritos às vicissitudes da história e do clima. É uma regra que nos orienta, apenas no indagarmos a verdade. Modifica-se, como todas as leis, à pressão dos dados objetivos. Mas ainda quando por extravagante indisciplina mental alguém tentasse aplicá-la, de todo despeada da intervenção daqueles, não simplificaria o problema.

É fácil demonstrar.

Abstraiamos de inúmeras causas perturbadoras, e consideremos os três elementos constituintes de nossa raça em si mesmos, intactas as capacidades que lhes são próprias.

Vemos, de pronto, que, mesmo nesta hipótese favorável, deles não resulta o produto único imanente às combinações binárias, numa fusão imediata em que se justaponham ou se resumam os seus caracteres, unificados e convergentes num tipo intermediário. Ao contrário, a combinação ternária inevitável, determina, no caso mais simples, três outras,

binárias. Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações – substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato*, o *mamaluco* ou *curiboca*, e o *cafuz*. As sedes iniciais de indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo destas subcategorias substitui o das raças elementares agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras submodalidades consoante as dosagens variáveis do sangue.

O brasileiro, tipo abstrato que se procura, mesmo no caso mais favorável acima firmado, só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo.<sup>14</sup>

A citação é longa, mas necessária, porque nos permite compreender a lógica de pensamento de Euclides como um todo e seu método de argumentação científica. É difícil não relacionar suas conclusões com as demandas do determinismo científico e do positivismo filosófico, tanto quanto é difícil não reconhecer as bases dos preconceitos sobre raças que agiam no pano de fundo histórico.<sup>15</sup>

Para além desse quadro, que é real e tem função no texto, existe um apanhado de fatores de causas no plano do discurso

que é relevante e também apresenta função. Constata-se a presença de um método de composição que amarra e ordena o assunto de que se trata, acompanha os movimentos de sua origem e o desenvolvimento, dramatiza seus momentos de impasse e de transformação. Em outras palavras, a linguagem não serve somente como sinal de virtuosidade do escritor, mas se justifica principalmente por decalcar, plasmar a forma do seu material. Uma vez interpretada, essa linguagem revela o modo de pensar de Euclides, esclarecendo a respeito da sua maneira de expor e explicar o problema. Observada a sua forma, o extrato da forma de composição se aproxima muito do método dialético; não o modelo hegeliano ou marxista que estabelece a determinação de causas concatenadas e superações teleológicas de fases e etapas, mas o modelo clássico, adotado pelo idealismo e pelo romantismo dos séculos XVII e XVIII, base intelectual dos naturalistas que Euclides lia e consultava regularmente – especialmente Alexander Von Humboldt. A dialética euclidiana – se pudermos falar assim – está baseada na suspensão da finalidade; trata-se de uma dialética antitética, sem síntese. Daí, a conclusão que ele chega algumas linhas adiante: “Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca”.<sup>16</sup>

Aceitando-se as afirmações acima, vamos de encontro às teses que defendem ser Euclides um adepto convicto das

<sup>14</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 138-139.

<sup>15</sup> Sobre esse contexto histórico, as bases da ciência e da filosofia, ver: SCHWARCZ, Lillian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>16</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 140.

doutrinas científicas e filosóficas de seu tempo. Não que ele não tivesse de fato feito uso dessas doutrinas, mas porque seu método de pensamento não coaduna com os fundamentos operatórios delas. Existe um *imbróglio* armado nesta questão: se, por um lado, Euclides compartilhou tais ideias, se com elas dialogou ou se utilizou os seus jargões, por outro ele as manipulou de modo diverso, se não antagônico. A questão que se impõe é saber onde localizar o ponto da virada. A resposta, salvo engano, reside no conjunto multifacetado de disciplinas que dão lastro à inteligência de Euclides, ou seja, está no reconhecimento pleno das linhas de força do texto e suas implicações. Para entender por que e como Euclides torce os fundamentos das ciências históricas é preciso refletir bem sobre os fundamentos das ciências naturais que ele adota, ou, mais precisamente, o sentido de sua filosofia da natureza.

Tomemos como ponto de partida um fragmento da primeira parte, “A Terra”, dedicada ao escrutínio dos agentes físicos do Brasil, especialmente do sertão.

É uma paragem impressionadora.

As condições estruturais da terra lá se vinculam à violência dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupegados. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito. Arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas; todas as variedades

cristalinas, e os quartzitos ásperos, e os filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça – dispondo em cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens.

Porque o que estas denunciam – no enterroado do chão, no desmantêlo dos cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constricto das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos – é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. De um lado a extrema *secura* dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas; e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas.

As forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região.

Dissociam-na nos verões queimosos; degradam-na nos invernos torrenciais. Vão do desequilíbrio molecular, agindo surdamente, à dinâmica portentosa das tormentas. Ligam-se e completam-se e consoante o preponderar de uma e outra, ou o entrelaçamento de ambas, modificam-se os aspectos naturais.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra com-*

Entre o texto de Euclides da Cunha e as ideias filosóficas acerca da natureza, existe uma confluência pertinente, que vale a pena comentar. Sabe-se que durante cerca de trezentos anos, a partir da metade do século XV, predominou no âmbito nada limitado da filosofia da ciência – com raras exceções, como Bacon e Vico – uma concepção mecanicista, finalista e teológica a respeito da natureza. Para Descartes, por exemplo, o mundo natural é uma engrenagem movida por energia regular e exata, dona de uma precisão rigorosa, que garante sua perfeição: “como um relógio composto de rodas e contrapesos não se observa menos exatamente todas as leis da natureza.”<sup>18</sup> O mesmo princípio pode ser encontrado nos trabalhos de Newton, que atribui ainda à essa regularidade, a possibilidade de previsão de um resultado lógico: “As razões de quantidades, que em qualquer tempo finito tendem continuamente à igualdade (...) aproximam-se uma da outra [e] acabam fazendo-se em última instância iguais”.<sup>19</sup> Como bons filósofos da ciência, não apenas cientistas, não bastava a eles identificar e descrever o fenômeno natural, mas também, ou principalmente, buscar sua essência, sua fundamentação última, penetrando mais profundamente nos pontos mais misteriosos que ele guarda. Nessa busca,

Descartes procurou demonstrar e explicar a origem da natureza e sua razão de ser: “Fiz ver quais eram as leis da natureza; e, sem apoiar as minhas razões em nenhum outro princípio, a não ser no das perfeições infinitas de Deus, procurei demonstrar todas aquelas que pudessem suscitar qualquer dúvida e mostrar que elas são tais que, mesmo que Deus houvesse criado muitos mundos, não poderia haver nenhum onde elas deixassem de ser observadas.”<sup>20</sup> Essa concepção, assumida pela ciência pelo menos desde a acusação de heresia levantada contra Galileu, era dominante na época, dando encaminhamento à noção religiosa que prevalecia no plano ideológico. O dogma cristão de criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*), que prevê que Deus antecede a natureza – cuja existência, aliás, depende de sua vontade, pois ele a fez existir – pode ser encontrado em quase todos os filósofos deste período. Leibniz escreve a respeito, corroborando a visão de outros: “A noção mais aceita e mais significativa que possuímos de Deus exprime-se muito bem nestes termos: Deus é um Ser absolutamente perfeito. (...) Convém notar que há na natureza várias perfeições muito diferentes, possuindo-as Deus todas reunidas e que cada uma lhe pertence no grau supremo.”<sup>21</sup>

No início do século XVIII, a corrente idealista irá se contrapor a esses fundamentos, mudando a concepção de

---

pleta. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 105.

<sup>18</sup> DESCARTES, Rene. *Meditações*. In: *Obra escolhida*. São Paulo: Difel, 1962, p. 193.

<sup>19</sup> NEWTON, Isaac. *Principios matemáticos de la filosofia natural*. 2 ed. Madrid: Tecnos, 1997, p. 61.

---

<sup>20</sup> DESCARTES, Rene. *Discurso do método*. In: *Obra escolhida*. São Paulo: Difel, 1962, p. 75-76.

<sup>21</sup> LEIBNIZ, Gottfried W. *Discurso da metafísica*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1974, p. 77.

natureza e o modo conhecê-la. O axioma mecanicista, por exemplo, passou a ser entendido como uma noção excessivamente exterior com relação à natureza, um amontoado de teses construídas *a priori* do seu objeto, capaz de afirmar-se enquanto lógica da física matemática ou geométrica, mas insuficiente para descobrir o verdadeiro âmago da natureza. Contra ele, o idealismo construiu um sistema exegético que apreendia a natureza a partir dela mesma, elaborando para isso uma proposição imanentista: “O idealismo, em seu sentido subjetivo, pretende que o Eu é todas as coisas, e o idealismo, em seu sentido objetivo, pretende que tudo é Eu e que não existe nada que não seja Eu”<sup>22</sup>, escreve o filósofo mais radical do círculo idealista alemão. Para Schelling, a natureza é uma forma absoluta, na qual ocorre plenamente a fusão entre a subjetividade e o objeto. Segundo esse preceito, a natureza é dotada de valores interiores, subjetivos eles mesmos; sua forma não é nem foi criada à sua revelia, mas se mostra como o resultado de sua própria ação.<sup>23</sup>

Contra o criacionismo, os idealistas irão promover a ideia de autoprodução e autotransformação da forma. A natureza garante a reciprocidade desses dois princípios: ela é, ao mesmo tempo, forma formante (*Bildung*) e forma formada (*Gestalt*). Esse arranjo é uma demonstração

da dialética da natureza, um arranjo de forças cuja origem e fim se constituem como seus dispositivos internos: o primeiro dispara o movimento de ação e reação, enquanto o segundo, manifestando sua forma acabada, na verdade retroalimenta o movimento. Não existe uma finalidade no processo de produção e reprodução da natureza, mas uma força de transformação contínua. Essa idéia preside o sistema filosófico de Goethe para explicação da botânica: “Conhecemos as leis da transformação, segundo as quais a natureza produz uma parte de outra e apresenta as mais diversas formas pela modificação de um único órgão.”<sup>24</sup>

Voltando ao texto de Euclides da Cunha, notamos que na última citação esses problemas são postos de maneira convincente, internalizados de um modo que acabam por adquirir uma expressão própria. Sob todos os aspectos, *Os sertões* se impõem por força de sua erudição, devido a uma série de referências e citações de escritores, filósofos, cientistas e naturalistas. A menção direta ou indireta a alguns dos nomes mencionados acima não significa necessariamente que Euclides os tenha usado para abonar qualquer de suas próprias conclusões, o que pode se realizar de diversos modos, alguns bastante mediados. Não restam dúvidas, porém, de que suas ideias se encontram em diálogo clivado com as das principais correntes de filosofia da natureza. Talvez – e vai aqui mais que uma

<sup>22</sup> SCHELLING, Friedrich W. J. *Sistema del idealismo transcendental*. Barcelona: Antropos, 1988, p. 374.

<sup>23</sup> Ver: SCHELLING, Friedrich W. J. *Escritos sobre filosofia de la naturaleza*. Madrid: Alianza, 1996.

<sup>24</sup> GOETHE, Johann W. *A metamorfose das plantas*. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 1997, p. 10.

simples suposição – a referência direta a esse quadro heterogêneo de noções e axiomas filosóficos e científicos tenha lhe chegado por intermédio da leitura atenta dos escritos de Humboldt, que também procurou conciliar tendências científicas opostas, a mecanicista e a imanentista.<sup>25</sup>

De fato, podemos encontrar certos traços fundamentais dessas duas correntes como vetor de estruturação de toda exposição, análise e argumentação de *Os sertões*. No fragmento supracitado, vemos a exposição rigorosa de todo um sistema de manifestações das forças da natureza e suas causações mutuamente implicadas. Podemos inferir que o rigor de sua prosa não é propriamente resultado de sua mentalidade de engenheiro nem de sua pretensão científica afinada com as leis incoercíveis do positivismo, mas o decalque mesmo do objeto descrito, ou seja, da natureza. Por outro lado, que desdobra e completa o anterior, existe um esforço de imaginação – igual, se não maior que o de observação – que o leva a conjecturar sobre todas suas fases e ciclos, criando a partir daí uma série de perspectivas sobre o processo de transformação como um todo: a natureza é descrita por dentro, por fora, de cima, pelos lados, antes, durante e após qualquer fator de mudança. Nota-se ainda que a descrição vai além do esforço da mera descrição, assumindo a forma narrativa: dramatizando o processo físico de

modo a lhe dar unidade e inteireza, vemos – por assim dizer – a auto-morfose e metamorfose da matéria, isto é, acompanhamos em ato a forma da natureza se formando e já formada, num entrelaçamento descrito num estilo dialético impressionante. O que a narração nos mostra é a transformação incessante da matéria mediante o jogo de forças contraditórias, que se produz e se reproduz continuamente: “A natureza se compraz em um jogo de antíteses.”<sup>26</sup> Também aqui a comparação – para aproximação ou contraste – com as correntes filosóficas analisadas antes se mostra pertinente. Ambas partem do princípio de que a natureza é a manifestação da coalescência de forças misteriosas, que permanecem ocultas ao homem e que, por isso, faz-se necessário descobrir os meios para sua compreensão. Mas, enquanto os filósofos da ciência apresentam uma solução externa à essência da natureza – para Galileu somente a matemática, cujos “caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas”<sup>27</sup>, oferece uma possibilidade segura de entendimento da linguagem do mundo natural – os idealistas, coerentes com seus princípios imanentistas, defendem a ideia de que a natureza possui sua própria linguagem: “Igualmente lhes fala a Natureza a outros sentidos conhecidos, mal reconhecidos ou ainda desconhecidos; assim fala con-

<sup>25</sup> LABASTIDA, Jaime. “La aportaciones de Humboldt a la investigación científica”. In: *Humboldt: ciudadano universal*. México: Siglo Veintiuno, 1999.

<sup>26</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 128.

<sup>27</sup> Apud KOIRÉ, Alexandre. “Galileu e Platão”. In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. p. 177.

sigio mesma e conosco através de milhares de fenômenos. Para o homem atento, não está a Natureza morta nem muda em parte alguma; mesmo no rígido corpo da Terra, ela pôs um confidente, um metal, em cujas menores partes se pode perceber o quanto ocorre com a massa inteira.”<sup>28</sup>

Essa perspectiva imanentista, que reconhece e explora o significado da natureza como uma força vital, marcou o pensamento de Humboldt profundamente e, depois, toda uma geração de naturalistas por ele influenciada, a começar por Darwin. Para Humboldt, a compreensão desimpedida da natureza exige o domínio de suas formas de expressão, algo só possível com o uso combinado de ciência e arte: “Descrições da natureza podem ser definidas com rigor e precisão científica, sem delas subtrair o sopro vivificante da imaginação. O poético nasce do sustento e da coesão do sensível com o intelectual.”<sup>29</sup> Essas palavras, que coadunam perfeitamente com a proposição defendida por Euclides em sua carta a José Veríssimo (ver nota 6), deixam claras os pontos de semelhanças entre eles, mostrando um padrão de composição cultivado à força da poética, que se consolidou em uma certa tradição de pensadores do mundo natural.

Retornando à questão inicial – a correlação entre as ciências históricas e

as naturais – podemos dizer que Euclides se serviu meticulosamente dessas como modelo para problematizar aquelas e, a partir daí, formulou uma tipologia de análise que as tornassem homólogas. Assim, tal como sua argumentação sobre múltiplas forças em ação no mundo natural se especifica na forma de um entrebater antitético contínuo e variado, também na caracterização do homem brasileiro, com o cruzamento complexo de diversos grupos étnicos, ocorre um jogo permanente de causações e reações diferenciadas: “Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses.”<sup>30</sup>

Quando mudamos o assunto, ampliando a perspectiva de análise do escritor, e voltamos a atenção para o tema capital do livro, a guerra de Canudos, notamos que o modelo permanece, sendo reproduzido em outra escala, mas conservando os mesmos princípios já analisados. No terceiro capítulo, “A Luta”, dedicado à narração dos momentos mais tensos do conflito, observa-se uma alteração significativa no ritmo e no desenvolvimento da prosa: mistura-se reflexões sobre a guerra, considerações sobre o contexto político, resgata-se alguns momentos da história do país etc. Em meio a tudo isso, sobressai uma narração minuciosa dos lances da luta, com muitas descrições, que, no entanto,

<sup>28</sup> GOETHE, Johann W. Teoria de las colores. In: *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1957, vol. 1, p. 436.

<sup>29</sup> HUMBOLDT, Alexandre Von. *Cosmos: essais d'une description physique du monde*. Paris: Gyde et J. Baudry, 1968, vol. 1, p. 250.

<sup>30</sup> CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 167.

adquirem uma forma dramatizada. O leitor perceberá que as três últimas partes do capítulo – que juntas somam mais de duzentas páginas – são marcadas por uma monotonia atroz, variando pouco o assunto, denotando assim a falta dele. A impressão que fica é que os últimos dias de guerra – com a vitória já garantida pelo exército, mas com uma resistência tenaz, apesar de vaga, por parte dos habitantes de Canudos – são marcados por uma inércia que, de algum modo, é estilizada pela escrita.<sup>31</sup> A falta de desenvolvimento reconhecida na prosa é a reprodução, em outro nível, da situação encontrada nos campos de batalha, onde nada parece acontecer. Embora se trate de um quesito estilístico difícil de destacar no texto, pode-se encontrar uma ou outra passagem em que isso fique mais explícito, mais marcado no texto. Um exemplo pode ser recolhido na descrição de um confronto entre conselheiristas e soldados, quando esses acreditavam ter vencido uma batalha recém travada:

É que nada pode assustar [os soldados]. Certo, se os adversários imprudentes com eles se afrontarem, serão varridos em momentos. Aqueles esgalhos far-se-ão em estilhas a um breve choque de espadas e não é crível que os gravetos finos quebrem o arranco das manobras

<sup>31</sup> Esse dado pode ser constatado na leitura das reportagens enviadas por Euclides para o *Estado de S. Paulo*, diretamente de Canudos durante os últimos dias de combate. A comparação dessas pequenas notas com a matéria do livro confirma a monotonia dos eventos e revela o processo de estilização de *Os sertões*. Ver: CUNHA, Euclides da. Diário de uma expedição. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 491-572.

prontas. E lá se vão marchando, tranquilamente heróicos...

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem-se, pausadas, outras, passando pelas topas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, volvem-se, impacientes, em roda. Nada vêem.

Há a primeira surpresa. Um fluxo de espanto corre de uma a outra ponta das fileiras.

E os tiros continuam raros, mas insistentes e compassados, pela esquerda, pela direita, pela frente agora, irrompendo de toda banda.

Então estranha ansiedade invade os mais provados valentes, ante o antagonista que não vê e não é visto. Formam-se celeremente em atiradores uma companhia, mal destacada da massa de batalhões constricto na vereda estreita. Distende-se pela orla da caatinga. Ouve-se uma voz de comando; e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas...

Mas constantes, longamente intervalados sempre, zunem os projéteis dos atiradores invisíveis batendo em cheio nas fileiras. (...)

De repente cessam. Desaparece o inimigo que ninguém viu.

As seções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas mecegas. E voltam como se saíssem de recontro braço a braço, com selvagens.

Reorganiza-se a tropa. Renova-se a marcha. A coluna estirada a dois de fundo, deriva pelas veredas em fora, estampando no cinzento da paisagem o traço vigoroso das fardas azuis listradas de vermelho e o coruscar intenso das baionetas ondulantes. Alonga-se; afasta-se; desaparece.

Passam-se minutos. No lugar da refrega, então, surgem, dentre muitas esparsas, cinco, dez, vinte homens no máximo. Deslizam, rápidos, em silêncio, entre arbúsculos secos... (...)

Desce por ali a guarda da frente. Seguem-lhe os primeiros batalhões. Escoam-se, vagarosas, as brigadas pela ladeira agreste. Em baixo, coleando nas voltas do vale estreito está toda a vanguarda, armas fulgurantes, feridas pelo sol, feito uma torrente escura, transudando raios.

E um estremecimento, choque convulsivo e irreprimível, fá-la estacar de súbito. Passa, ressoando, uma bala.

Desta vez os tiros partem, lentos, de um só ponto, do alto, parecendo feitos por um atirador único.<sup>32</sup>

E os combates se renovam indefinidamente, numa rotina extenuante que envolve o leitor e o prende. O jogo dos contrates, já observado na descrição da terra e de outros elementos da natureza e na exposição do processo de miscigenação, também aparece aqui, pois comanda o livro como um todo, cuidadosamente incorporado que foi à narrativa. Em outro nível, essa é construída de modo a obedecer ao padrão e estabelecer a mesma *forma*. Note-se como o uso excessivo da pontuação trava o desenvolvimento da narração, que, em um processo de virtuosidade estilística, vai se enredando em uma estrutura de *mise-en-abyme*, colhida pela sucessão incansável de orações coordenadas. Mais que uma questão de

performance verbal, essa estrutura paratática da narração representa um recurso mimético de captação e internalização da ação, tornando-a o dispositivo que dispara o processo de disciplina da escrita.

Podemos tomar outros exemplos que contrariam em alguma medida os argumentos aqui apresentados, mostrando que a visão histórica de Euclides era sim orientada pelos preceitos filosóficos da época, mormente os do positivismo. O livro está cheio de passagens que confirmam a veia evolucionista e determinista do autor: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos.”<sup>33</sup> Esse ponto de vista – sem dúvida relevante do ponto de vista sociológico ou ideológico, pois demarca um dos contornos históricos da obra – no entanto escapa ao interesse aqui apresentado, que é o estudo de uma *forma*. Neste caso, o que se encontra em evidência é o método narrativo, que prima pelo transpassamento de pressupostos distintos construídos em favor de se alcançar um certo efeito: a junção formal dos princípios de análise da filosofia da natureza são decalcados, ou plasmados, sobre os da história social. A homologia resultante favorece a compreensão ampla de um estilo de pensamento, voltado para a conciliação de temas e questões separados pelo rigor que cada ciência impõe ao seu próprio conteúdo, mas que, uma vez confrontados entre si, adquirem uma nova *forma* de problematização.

<sup>32</sup> CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 252-254.

<sup>33</sup> CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 141.

## O método de composição

As premissas acima ensinam que, não obstante a presença funcional das teorias evolucionistas e deterministas em *Os sertões* como dado explicador de nossa formação histórica, existe o uso meditado de um método de análise que a elas se sobrepõe, método esse inspirado na filosofia da natureza. O extrato desse método, por outro lado, funciona ao arpejo das tais teorias, o que contribui muito para o arranjo global do livro. A questão agora é analisar os meios que possibilitam esse arranjo, que garantem sua unidade e sua coerência, apesar das contradições. Na verdade, a contradição é o dispositivo estruturador do livro: identificada como força estruturadora dos elementos da natureza, ela é também parte constitutiva do desenvolvimento histórico. Compreendendo o problema assim, fica claro que para Euclides da Cunha a história e a natureza se qualificam como duas formas distintas de coalisão de forças que se dispõem dialeticamente; uma dialética – como explicado antes – antitética, sem síntese, sem télos, que põe e repõe seus elementos constitutivos segundo os princípios de formação, acumulação, transformação e reprodução que se lhes são próprios.

Os exemplos anteriores e a análise que lhes seguiu mostraram como o movimento do tema ou problema tratados foi incorporado ao movimento da prosa, tornando-se marca de um estilo de escrita. O modo de narração, exposição e argumentação utilizado pressupõe, como

vimos, a internalização dessa *forma da contradição* no nível mais complexo e abstrato do estilo. Esse é responsável por tornar a contradição um agente da linguagem, dramatizando-a por meio do uso sistemático de parataxes, recurso estilístico que se caracteriza pelo emparelhamento e justaposição mais ou menos articulados dos elementos díspares e contraditórios dispostos em um período, frase ou oração.<sup>34</sup> O interesse agora é mostrar e interpretar como certos procedimentos de escrita aprofundam e tornam mais complexa a relação recíproca de princípios científicos diferentes.

Tomemos como ponto de partida a passagem a seguir, na qual Euclides descreve e interpreta certas condições físicas de meio natural e depois as desdobra, tomando-as como modelo de explicação da evolução histórica do país.

Mesmo na maior parte dos sertões setentrionais o calor seco, altamente corrigido pelos fortes movimentos aéreos provindos dos quadrantes de leste, origina disposições mais animadoras e tem ação estimulante mais benéfica.

E voltando ao sul, no território que do norte de Minas para o sudoeste progride até o Rio Grande, deparam-se condições incomparavelmente superiores:

Uma temperatura anual média de 170 a 200, num jogo mais harmônico de estações; um regime mais fixo das chuvas que, preponderantes no verão, se distribuem no outono e na primavera

<sup>34</sup> Sobre a parataxe, ver: AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 60-62, 94-98, 100, 152-153.

de modo favorável às culturas. Atingindo o inverno, a impressão de um clima europeu é precisa; sopra o SO frigidíssimo sacudindo chuvisqueiros finos e esgarçando garoas; a neve rendilha as vidraças; gelam os banhados, e as geadas branqueiam pelos campos...

A nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas.

Considerando-a sob uma feição geral, fora da ação perturbadora de pormenores inexpressivos, vemos, logo na fase colonial, esboçarem-se situações diversas.

Enfeudado o território, dividido pelos donatários felizes, e iniciando-se o povoamento do país com idênticos elementos, sob a mesma indiferença da metrópole, voltada ainda para as últimas miragens da 'Índia portentosa', abriu-se separação radical entre o sul e o norte.

Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo-se sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no sul se debuxam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma – tudo isto contrastava com a agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do norte – capitânicas esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota.<sup>35</sup>

Novamente ocorre um processo de decalque, no qual uma maneira de pensar ou analisar a matéria é plasmada no exame de outra. Assim, os princípios explicativos dos condicionamentos do clima e da temperatura do sertão e seu contraste com os do litoral são conservados e reproduzidos no esforço de elucidação das causas históricas das desigualdades entre a parte pobre e arcaica do norte e a rica e progressista do sul. Novamente aqui os traços de determinismo, mas também novamente o método de análise sobressai em favor da descoberta da forma que torna homólogas natureza e história social, um método que estabelece termos de comparação, justaposição e relação mútua dos pressupostos de interpretação. Essa transposição de noções diversas possui uma extração literária inequívoca e é isso que permite a correspondência ampla e dinâmica entre o mundo natural e o histórico. No meio da citação, no ponto de virada, quando se passa de um tema para outro ("A nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas"), encontra-se o recurso de linguagem empregado para o alcance do efeito que estamos analisando. O princípio poético utilizado é o da arbitrariedade do sentido – garantido por meio do uso de metáforas, metonímias ou sinédoques – no qual a linguagem cria no ato, o significado dos termos. A boa, mas truncada, teoria de Nietzsche sobre o papel da linguagem na constituição do saber científico e filosófico, dá subsídio para o que se quer aqui demonstrar. Ela nos ensina que o valor

<sup>35</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 148-149.

de um conceito vale pela performance de uma metáfora e que ambos possuem uma mesma raiz, cuja diferenciação se deve menos à essência mesmo de um e outra e mais à força que a tradição impõe.<sup>36</sup> Assim, malgrado as diferenças óbvias, história e mesologia resultam semelhantes, indistintas, como se fossem uma única disciplina, pois os princípios formais de investigação de uma pode ser e foi utilizada na outra sem restrições. O resultado mais imediato é a renovação epistemológica das ciências históricas, buscando-se novos paradigmas para a compreensão das disparidades do país. Outro, trabalhado no campo da linguagem, é o processo de ressemantização do sentido (tornando uma coisa, a mesologia, outra, a história), recurso estilístico que traduz a prerrogativa do método de escrita, sem o qual toda a argumentação teórica se desmanchava.

O mesmo, embora de maneira diferente, pode ser identificado no fragmento seguinte, no qual Euclides ensaia uma interpretação da figura de Antônio Conselheiro e do grupo que o seguia.

É natural que estas camadas profundas de nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antonio Conselheiro...

A imagem é corretíssima.

Da mesma forma que o geólogo, interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações, esboça o perfil de uma montanha

extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares.<sup>37</sup>

Acompanhando a citação, nota-se o interesse inicial de compreender a figura do Conselheiro segundo os parâmetros da antropologia e da psicologia, logo mudando para os da sociologia. Três ciências de fatura humanística, portanto, assumem a função de explicação. Não se trata de alternar as disciplinas ou substituir uma por outra para encontrar a mais adequada, mas sim de conjugá-las, articulá-las com o fim de alcançar o meio mais seguro de analisar o personagem da maneira mais ampla e diversificada possível. No entanto, quando se atenta para o uso dos conceitos em pauta, notamos que aquele que foi utilizado (“anticlinal”) não corresponde a nenhuma das ciências mencionadas. Extraído das ciências da terra, o conceito de anticlinal define um tipo de dobra convexa dos estratos internos do solo; os extremos de suas camadas internas se movimentam em sentido contrário na direção de um centro, ocasionando sua contratura. Consequentemente, por causa da pressão exercida em um único ponto, essas camadas forçam a curvatura, que é empurrada para cima, ocasionando uma mudança na superfície: “Desenterram-se montanhas.”<sup>38</sup>

<sup>36</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1974, p. 51-60.

<sup>37</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 193.

<sup>38</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966, vol. 2, p. 99.

À primeira vista, o conceito de anticlinal se mostra inadequado, utilizado de maneira imprópria, talvez equivocada. Levando em consideração que o uso científico dos conceitos exige precisão, torna-se surpreendente que Euclides – dedicado cultor da cientificidade – o tenha manejado de maneira distorcida: a rigor, o conceito de anticlinal não serve absolutamente para uma análise de cunho sociológico, antropológico ou psicológico, como o que se propõe. Procurando mais fundo, porém, observa-se o que se quer dizer: com a personalidade comprimida por tensões de toda ordem, o Conselheiro parece sucumbir diante das próprias contradições; sua loucura é desentranhada, se manifesta exteriormente e contagia toda uma comunidade, tornando-se coletiva. O movimento tectônico que força o movimento de ascensão da anticlinal é compreendido como homólogo à força incontrolável que agem e reagem nas “camadas” mais profundas da psique do Conselheiro, e, ato contínuo, é também da mesma ordem que alvoroça uma sociedade inteira, criada ao redor do seu mentor. Assim compreendido, o trecho é cheio de sentido, cujas implicações se multiplicam à medida que alteramos a visão sobre ele: no plano psicológico, analisa-se a personalidade de um dos personagens mais controvertidos de nossa história; do ponto de vista sociológico, a análise é dirigida a uma fração da sociedade brasileira, descobrindo-lhe a ideologia mística e seus meios de vida; do ponto de vista

da ciência, supera-se efetivamente as diferenças entre disciplinas, mesclando-se princípios e procedimentos de análise. Toda essa variedade de pontos de vista, entretanto, é proporcionada por uma questão formal, tudo se deve ao método de composição que, operando livremente o conceito, procede a partir dos ditames da poética. Assim, em vez de usá-los com o rigor instrumental típico das ciências correspondentes, Euclides manipula os conceitos como se fossem metáforas, ressemantizando o seu sentido, atribuindo-lhe um significado que a princípio não lhe é próprio.

### **Considerações finais**

Tudo o que foi levantado e discutido no curto espaço deste ensaio tem por objetivo decupar a complexa e intrincada forma de *Os sertões*. De capa a capa, somos levados a descobrir a confluência entre o meio físico e natural do Brasil e sua história. O papel que as ciências correspondentes assumem nesse itinerário, demonstram sua função explicadora. No entanto, o entrelaçamento de causas diversas não permite discernir com clareza a sobredeterminação de nenhum dos fatores aventados. A confluência formal de *Os sertões* não estaria garantida se não fosse pelo poder ordenador da escrita, que garante a unidade e a coerência geral da obra. Assim se constitui as linhas de força do livro, como algo capaz de garantir a reprodução em níveis diferentes de um mesmo princípio de pensamento.

## Referências bibliográficas:

- ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco; Funart, 1998.
- ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo: Edart, 1960.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BERNUCCI, Leopoldo. “Cientificismo e aporia em *Os sertões*”, In: BERNUCCI, Leopoldo (org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 23-39.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. 2 vols.
- DESCARTES, Rene. *Obra escolhida*. São Paulo: Difel, 1962.
- FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GOETHE, Johann W. *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1957. 2 vols.
- GOETHE, Johann W. *A metamorfose das plantas*. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 1997.
- HUMBOLDT, Alexandre Von. *Cosmos: essais d’une description physique du monde*. Paris: Gyde et J. Baudry, 1968. 4 vols.
- KOIRÉ, Alexandre. “Galileu e Platão”. In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- LABASTIDA, Jaime. *Humboldt: cidadão universal*. México: Siglo Veintiuno, 1999.
- LEIBNIZ, Gottfried W. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1974.
- LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo: Edusp, 1995.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. “Os sertões: ciência ou literatura”, In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001, n° 144, p. 5-16.
- LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: IUPERJ; Revan, 1999.
- LIMA, Nísia Trindade. “A sociologia desconcertante de *Os sertões*.” In: NASCIMENTO, José Leonardo (org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogo*

- gos. São Paulo: UNESP, 2002, p. 73-98.
- NASCIMENTO, José Leonardo, FACIOLI, Valentim (org.). *Juízos críticos: Os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003.
- NEWTON, Isaac. *Princípios matemáticos de la filosofia natural*. 2 ed. Madrid: Tecnos, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1974.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a espada e a letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL-MEC, 1980. 5 vols.
- SHELLING, Friedrich W. J. *Sistema del idealismo transcendental*. Barcelona, Antropos, 1988.
- SHELLING, Friedrich W. J. *Escritos sobre filosofia de la naturaleza*. Madrid: Alianza, 1996.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

Submetido em 31 de março, 2011.

Aprovado em 4 de abril, 2011.

